



EXPOSIÇÃO

NÃO ME CALO

Cartazes artesanais de protesto (da Troika às manifestações pelo ambiente)

NÃO ME CALO!

Um dos cartazes mais humildes que temos é um pequeno fragmento de cartão, talvez uma aba de uma tampa de caixa, no qual está escrito «Não me calo!», com ponto de exclamação e tudo. É humilde no seu tamanho e expressão, não tem nenhuma qualidade gráfica especial, mas diz tudo o que há a dizer. Apesar de passar despercebido na parafernálio dos livros e papéis, temos muita honra e muito gosto em tê-lo. Não é só um cartaz, é uma palavra de ordem.

Não sei quem o fez, mas quem o levou a uma manifestação percebia que falar ou estar calado faz uma diferença gigantesca quando se quer protestar.

A colecção de cartazes artesanais do arquivo ephemera é única no país e bastante rara fora dele. Neste momento, tem mais de 300 cartazes recolhidos em manifestações por todo o país e alguns fora de Portugal.

Há cartazes catalães, independentistas, ingleses, contra Trump, e franceses, do movimento dos gilets jaunes, e anteriores, contra a lei do trabalho e Macron. As regras para ser incluído na colecção é o cartaz ter sido feito pelo próprio que o exibe, sendo por isso único, e ser artesanal na sua confecção, mesmo que haja alguns feitos por artistas plásticos e designers com uma mão mais treinada. São quase todos de cartão,

o cartão das caixas, cortado ou rasgado, escrito com marcador ou tinta, com várias cores ou monocolor, alguns com desenhos ou colagens. O cartão é colado numa vara, ou num pedaço de estore. Alguns têm duas faces, para valerem por dois. Vistos no seu conjunto, mostram a multiplicidade dos protestos e das vozes que representam.

É uma colecção ecléctica do ponto de vista cultural e político. Vai desde a manifestação pela leitura, passando pelo «que se lixe a troika», até aos protestos a propósito dos incêndios. Nela estão contidos protestos esquerdistas e de extrema-direita, feministas, nacionalistas, ecologistas, laborais, anti-racistas, contra a gentrificação, estudantis, ou por causas várias. É um retrato do protesto na sua dimensão mais pessoal: alguém vai manifestar-se e faz o cartaz com que vai atacar ou apoiar alguma coisa, a greve climática, o combate ao patriarcado e ao machismo, os baixos salários, a corrupção, a expulsão dos velhos habitantes do centro das cidades.

Os cartazes dizem muito sobre quem os faz: percebe-se a idade, o léxico, os erros de ortografia, os palavrões, os estrangeirismos. Percebe-se o sexo, e percebe-se que são raparigas e mulheres as mais ousadas e

criativas, e, dentro desse universo, no caso português, as brasileiras, que animam como ninguém muitas manifestações, principalmente feministas. Lá no meio aparece Lula e a sua némesis Temer. Mas há também espanholas, estudantes de Erasmus, uma das quais fez o mais famoso cartaz da coleção, que deu origem à habitual guerra fátna das redes sociais e a um artigo do *Público*, abundantemente partilhado: «farta até à cona...». É da natureza das coisas que, fosse qual fosse a razão de estar «farta», a atenção parasse na palavra obscena. O mundo do protesto é mais complexo e rico do que se imagina.

Os cartazes, muitas vezes abandonados depois das manifestações ou deitados ao lixo, são diligentemente recolhidos pelos amigos e voluntários do arquivo e, agora cada vez mais, oferecidos pelos próprios autores depois de exercerem a sua função. No trabalho do ephemera ganham uma segunda vida que não os «amansa», nem os torna objectos de um mostruário morto, mas prolonga a sua acção. A Helena Sofia foi a primeira a perceber o potencial da coleção para quem se dedica ao estudo do design, do protesto e da sua gramática traduzida em objectos e palavras. A exposição feita no Barreiro com um título paralelo da integrada na Porto Design Biennale, *O Que Faz Falta é Agitar a Malta*, foi, por isso, um grande sucesso, num armazém perdido no meio do mundo póstumo do maior complexo fabril da história portuguesa.

O rastro das manifestações continua a interessar-nos. O arquivo ephemera de há muito que se interessa pelo carácter físico das coisas, pelos objectos, num mundo que crescentemente se deslumbra com o virtual e digital. Os objectos são da dimensão do

humano, dos nossos sentidos, transportam uma verdade especial, a da sua materialidade. Sartre, quando quis explicar o que era o existentialismo, usou o exemplo de uma garrafa. Lenine, quando quis gozar com a obra do bispo Berkeley, sugeriu-lhe atravessar uma rua sem olhar para os carros.

Por aí adiante.

Quando o museu Victoria & Albert, em Londres, iniciou uma coleção inovadora a que chamou Rapid Response Collecting, em 2014, já fazíamos o mesmo tipo de recolhas, mas a natureza da coleção do museu ajudou-nos a precisar o objectivo: perceber que alguns objectos triviais são tocados pela história. Na coleção do Victoria & Albert, apresentada inicialmente no próprio museu de uma forma marginal, numa passagem, como se não tivesse a dignidade dos cristais de Lalique ou das tapeçarias de William Morris — o local fazia sentido para se perceber que não é só design, nem artesanato, nem arte, mas história material. Há uns sapatos Louboutin, os computadores do *The Guardian* destruídos à marretada por lá terem estado os documentos de Snowden (um gesto puramente simbólico, porque eles já estavam em todo o lado), ou umas calças de ganga feitas numa fábrica oriental de salários de miséria, que ardeu matando muitos operários.

Nós temos o prego usado no referendo de Timor para furar o boletim de voto, uma lâmpada de mineiro asturiano oferecida por mineiros (percebe-se como é pesada), os carimbos usados para fazer falsificações de passaportes de activistas exilados, e, como no Victoria & Albert, um *pussyhat*.

E muitos cartazes da escola do «Não me calo!»

José Pacheco Pereira



É HOJE? TRABALHO E TROIKA E TUDO

Milhares de pessoas saíram à rua nas principais cidades do país a 15 de Setembro de 2012 e a 2 de Março de 2013, contra a Troika e a austeridade, em manifestações cuja dimensão apenas encontra paralelo histórico no 25 de Abril e 1 de Maio de 1974. Antecipadas pelos protestos da Geração à Rasca em 2011 (que inspiraria também os Indignados espanhóis), e apesar dos diferentes contextos políticos em que ocorreram, as manifestações identificavam algumas das questões estruturais que continuam a ser reclamadas nas comemorações anuais de Abril e Maio. A precariedade laboral, a concentração da riqueza, o trabalho reprodutivo, os direitos de refugiados e emigrantes e a habitação urbana são exemplos das causas mobilizadoras de protesto. Agitar e animar a malta, para evocar os cartazes feitos em 2017 pelo grupo «As Toupeiras» em torno da canção de Zeca Afonso, faz ainda muita falta.



NÃO É NÃO FEMINISMO E LGBTI+

A Marcha das Mulheres, que encheu Washington de pussyhats no dia seguinte à tomada de posse de Donald Trump (2017), teve repercussão mundial e chegou também às ruas portuguesas. Convocada no seu rescaldo, a Greve Feminista Internacional chegou dois anos depois e foi assinalada com manifestações que traduziram a adesão a uma causa feminista alargada, hoje mais interseccional. Antes dela, as concentrações e manifestações contra a desigualdade de género, a violência doméstica e sexual e a justiça patriarcal e sexista foram assumindo uma expressão crescente, alinhadas não só com outros movimentos e protestos internacionais (o Ni Una Menos na Argentina, o caso da «Manada» em Espanha, o #metoo), mas motivadas directamente por casos específicos de violência de género e acórdãos judiciais, que provocaram indignação entre a população portuguesa. Mas a luta também se faz de festa, e a da Marcha LGBTI+, cuja edição lisboeta assinalou 20 anos em 2019, faz-se hoje em mais cidades do país, com mais gente.



NÃO HÁ PLANETA B EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

A emergência climática, a sustentabilidade ambiental, os direitos dos animais e a ordenação do território, e, a partir de todas estas lutas, o direito ao futuro são hoje causas mobilizadoras de muitas vozes e esforços de representação. Em 2017, o drama humano dos incêndios em Portugal levaria para as ruas a defesa da biodiversidade e a exigência de melhores políticas ambientais. No mesmo ano, a Marcha Mundial do Clima apontara à exploração petrolífera na costa portuguesa. Muitos destes protestos são globais, como o problema que os motiva, e encontram eco um pouco por todo o mundo, adaptando-se o mote a contextos locais ou particulares. São igualmente globais a contestação aos agro-negócios monopolistas e o mais recente movimento da Greve Climática Estudantil, com os cartazes dos estudantes portugueses a revelar o perfil de uma geração cuja cultura integra com naturalidade o inglês e a retórica dos memes.

Helena Sofia Silva

in "Que Força é Essa"

Lisboa, Edições Ephemera / Tinta da China, 2019

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO

José Pacheco Pereira
Luísa Tiago de Oliveira

PROJECTO EXPOSITIVO

João Alves da Cunha

TEXTOS

José Pacheco Pereira
Helena Sofia Silva

RECOLHA DE CARTAZES FAIXAS E VÍDEOS

Helena Sofia Silva
Júlio Sequeira
Rita Montez

MONTAGEM

Iscte – Instituto Universitário de Lisboa
João Alves da Cunha
Tiago Luzio

AGRADECIMENTOS

André Freire
Luís Nuno Rodrigues
Nuno Madureira
Rui Pena Pires
Sandra Saleiro
Biblioteca Iscte
Eventos Iscte
Gabinete de Comunicação Iscte
Serviços de Infraestruturas Informáticas e de Comunicações Iscte